

Palabra Clave, (La Plata), abril-septiembre 2023, vol. 12, núm. 2, e185. ISSN 1853-9912  
 Universidad Nacional de La Plata  
 Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación  
 Departamento de Bibliotecología

# Uma visão crítica sobre periódicos predatórios e fraudulentos: é preciso distinguir os tubarões dos peixes pequenos

A critical look at predatory and fraudulent journals: we must distinguish between sharks and small fish

Una visión crítica de las revistas depredadoras y fraudulentas: hay que distinguir entre tiburones y peces pequeños

*Carlos Kusano Bucalen Ferrari*

*Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade  
 Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do  
 Araguaia, Brasil*

drcarlosferrari.ufmt@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9325-1260>

## RESUMO:

O presente ensaio discute a questão das políticas editoriais científicas e distingue três tipos de periódicos: as grandes ou gigantes editoras comerciais que representam tubarões ou predadores da ciência e de seus operadores e financiadores, os predatórios fraudulentos que praticamente publicam qualquer coisa sem a devida revisão, mediante taxa de publicação e os periódicos fora do eixo eurocêntrico ocidental ou dos Estados Unidos/Canadá que muitas vezes são gratuitos ou cobram taxas bem menores aos autores e oferecem, geralmente, acesso aberto dos artigos. Neste sentido, demonstrou-se por meio da metodologia da curadoria científica de conteúdo que tanto os periódicos de grandes editoras quanto os predatórios ou fraudulentos são predadores. Deste modo, pesquisadores devem evitar periódicos predadores ou fraudulentos uma vez que a publicação nestes veículos constitui má conduta científica, mas é necessário que haja uma ruptura decolonial no sentido de valorizar revistas locais, nacionais ou regionais, especialmente do contexto latinoamericano, iberoamericano, da Europa Oriental, Ásia e em outros países que também se desenvolve ciência de qualidade e importância, pois o conhecimento gerado localmente interessa à sociedade e aos gestores para resolver nossos problemas e não apenas serem publicados em inglês, com acesso restrito, o que dificulta sua apreensão pelos públicos alvo prioritários para enfrentar os desafios e realizar as transformações educacionais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas que a América Latina e o mundo em desenvolvimento exigem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revistas científicas, Revistas depredadoras, Revistas fraudulentas, Ética na publicação científica, Curadoria científica.

## ABSTRACT:

This essay discusses the issue of scientific publishing policies and distinguishes three types of journals: the large or giant commercial publishers that represent sharks or predators of science and its operators and funders, the fraudulent predatory ones that publish virtually anything without proper review for a publication fee, and the journals outside the Western Eurocentric or the United States/Canada axis that are often free or charge much lower fees to authors and generally offer open access of articles. In this sense, it was demonstrated through the scientific content curation methodology that both journals from large publishers and predatory or fraudulent journals are predatory. Thus, researchers should avoid predatory or fraudulent journals since publishing in these vehicles constitutes scientific misconduct, but it is necessary that there is a decolonial rupture in the sense of valuing local, national or regional journals, especially in the Latin American, Iberoamerican, Eastern European, Asian and other countries that also develop quality and important science, because the knowledge generated locally interests the society and the managers to solve our problems and not only be published in English, with restricted access, which hinders its apprehension by the priority target audiences to face the challenges and make the educational, political, economic, cultural and technological transformations that Latin America and the developing world demand.

**KEYWORDS:** Scientific journals, Predatory journals, Fraudulent journals, Scientific publication ethics, Science curation.

## RESUMEN:

El presente ensayo discute la cuestión de las políticas editoriales científicas y distingue tres tipos de revistas: las editoriales grandes o gigantes comerciales que representan a los tiburones o depredadores de la ciencia y sus operadores o financiadores; los depredadores

Recepción: 06 Marzo 2022 | Aceptación: 02 Agosto 2022 | Publicación: 03 Abril 2023

**Cita sugerida:** Ferrari, C. K. B. (2023). Uma visão crítica sobre periódicos predatórios e fraudulentos: é preciso distinguir os tubarões dos peixes pequenos. *Palabra Clave (La Plata)*, 12(2), e185. <https://doi.org/10.24215/18539912e185>



Esta obra está bajo licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional

fraudulentos que prácticamente publican cualquier cosa sin la debida revisión, mediante el pago de la tasa de publicación; y las revistas fuera del eje eurocéntrico occidental o de los Estados Unidos y Canadá que muchas veces son gratuitas o cobran tasas bajas a los autores y ofrecen, generalmente, acceso abierto a los artículos. En este sentido, se demuestra por medio de una metodología de curaduría científica de contenido, que tanto las revistas de las grandes editoriales como las depredadoras o fraudulentas son depredadoras. De esta manera, los investigadores deben evitar a este tipo de revistas, y es necesario que haya una ruptura decolonial respecto a valorizar a las revistas locales, nacionales o regionales, especialmente del contexto latinoamericano, iberoamericano, de Europa Oriental, Asia y de otros países en los que también se desarrolla una ciencia de calidad e importancia. El conocimiento generado localmente interesa a la sociedad y a los gestores para resolver los problemas que son propios, no ocurre así con los trabajos que están publicados en inglés, con acceso restringido, lo cual dificulta su aprehensión por parte de los públicos prioritarios para enfrentar los desafíos y realizar las transformaciones educativas, políticas, económicas, culturales y tecnológicas que América Latina y el mundo en desarrollo requieren.

**PALABRAS CLAVE:** Revistas científicas, Revistas depredadoras, Revistas fraudulentas, Ética en la publicación científica, Curación científica.

## 1. INTRODUÇÃO

Como pesquisador, sou autor de artigos científicos, com produção ininterrupta desde 1998. Naquela época publiquei meus dois primeiros artigos na *Revista panamericana de salud pública* da Organização Panamericana de Salud (OPAS) e bem como na *Revista de nutrição*, do núcleo de editoração da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), a principal revista da área de ciências da nutrição no país (Ferrari, 1998a, 1998b).

Meus primeiros artigos científicos escritos em inglês, todos redigidos por mim, foram publicados nas revistas *Biologia*, da Bratislava na República da Eslováquia, no *International medical journal*, publicado pela *Japan International Cultural Exchange Foundation* de Tóquio no Japão, no *Czech journal of food sciences* da República Tcheca, na *Biomedicine & pharmacotherapy*, que pertenceu à Editora Masson de Paris, além da Revista *Interciência* em Caracas, cujo conteúdo versou sobre biologia molecular aplicada à nutrição em português (Ferrari, 2000; Ferrari, 2001; Ferrari & Torres, 2002a; Ferrari & Torres, 2002b; Ferrari & Torres, 2003), pois acreditamos que os conhecimentos produzidos pelos professores das universidades latino-americanas precisam ser difundidos nas línguas pátrias de modo a ser apreendidos tanto pela comunidade acadêmica quanto pela sociedade que nos mantém e que urge dos saberes produzidos pela academia (Marin, Petralia & Stubin, 2015).

Outro exemplo que conheci pessoalmente foi a revista *Biogerontology*, uma das soberanas na área de Gerontologia Biomédica, pertencente à editora Springer, na qual publiquei em 2004 (Ferrari, 2004). Finalmente, outro exemplo a ser discutido é o periódico científico *Evidence-based integrative medicine*, da extinta editora *Adis International*, para o qual também contribuí no ano seguinte (Ferrari, 2005).

Depois de refletir ao longo de anos de carreira, é necessário utilizar a experiência apreendida para promover a reflexão crítica sobre a produção científica das instituições de ensino e pesquisa e propor uma ruptura benéfica no sentido de fomentar a valorização de periódicos nacionais, latino-americanos e outros pertencentes ao Hemisfério Sul e outras regiões do mundo, como diversas editoras tradicionais que não visam somente o lucro e a ganância, além de refutar, veementemente, qualquer tipo de produção acadêmica veiculada em periódicos predatórios (PP), que apresentam qualidade duvidosa a nula.

## 2. PERCURSOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS

Considerando-se a metodologia da curadoria científica ou curadoria de conteúdo que se baseia em coletar as informações, categorizar (comparar; generalizar), criticar (discriminar; avaliar), conceituar e circular (mostrar valor; tornar acessível) (Garcia & Czeszak, 2019; Sharma & Deschaine, 2016), utilizando também os referenciais específicos do campo das ciências da saúde e da medicina (Pellizzon, Población & Goldenberg,

2003), foi possível distinguir três tipos de periódicos: os legítimos (gratuitos ou com taxas aceitáveis de publicação), os periódicos predatórios (incluindo fraudes e clones) e as grandes editoras comerciais que transformaram um bem público (periódicos científicos e seus conteúdos) em objeto de consumo, visando o lucro e não necessariamente a prosperidade da ciência e da tecnologia, ou seja, da humanidade (periódico com elevada taxa de publicação).

Editoras e suas revistas predatórias ou fraudulentas são aquelas que veiculam artigos desprovidos de revisão por cientistas, também conhecida como revisão por pares, sem a devida edição e checagem de conteúdo, o que significa ausência de apuração da qualidade estatística dos estudos, uma vez que constituem meios falsos ou criminosos de recolhimento de taxas de publicação (*processing fee* ou *article charge*), e executam um serviço rápido e sem critérios, pois geralmente tais entidades não possuem editores, corpo editorial, informações necessárias sobre o processo editorial e requisitos éticos, assim como fingem possuir indexações em bases de dados e fatores de impacto (Beall, 2012; Begun & Abdulla, 2021; Eriksson & Helgesson, 2017; Gallent-Torres, 2022; Grudniewicz *et al.*, 2019; Nieminen & Uribe, 2021; Sorokowski, Kulczycki, Sorokowska & Pisanski, 2017).

É importante ressaltar os seguintes prejuízos devido à publicação de artigos em periódicos predatórios (Forero *et al.*, 2018; Owens & Nicoll, 2019; Vervoort, Ma & Shrimme, 2020):

1. Perda de conhecimento e dados gerados, pois muitas vezes depois de alguns anos a revista desaparece.
2. Publicação de dados duplicados ou plagiados.
3. Publicação de estudos de baixa ou nula qualidade.
4. Desperdício de recursos públicos, privados e dos próprios autores.
5. Melhorias e pontuações inadequadas nos currículos dos autores destes estudos em PP.
6. Desvalorização das revistas nacionais gratuitas de acesso aberto, pelo reconhecimento da cultura *paye e publique* (*pay and publish*).

Neste sentido, um pesquisador da área de enfermagem, recém contratado como professor assistente, conseguiu um pequeno laboratório e realizou sua pesquisa de pós-doutorado. Quando já havia submetido seu manuscrito para um PP, descobriu que um pós-doutor da sua universidade estava listado como membro do corpo editorial da revista. Quando decidiu procurá-lo, ele confidenciou que nunca revisou para aquela revista, mas não conseguiu remover seu nome do corpo editorial. Após inúmeras tentativas em vão de cancelar a submissão e recusa a pagar a taxa de publicação de \$400, a revista publicou seu artigo. Mas ele persistiu e continuou tencionando o cancelamento da publicação que foi, enfim, anunciada por eles. Porém, um mês após este acordo, o artigo ainda estava *online* (Chambers, 2019).

Em outro caso, um eminente professor de medicina, membro do Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (*International Committee of Medical Journal Editors*), recebeu convites insistentes para submeter e publicar em poucos dias um manuscrito para o próximo número do PP, com a promessa de não se preocupar com as taxas que seriam facilitadas e ainda foi convidado a integrar o corpo editorial da revista, ambas propostas que foram rechaçadas por ele (Fox, 2021).

Não obstante os problemas gerados por PP, nos últimos anos uma nova modalidade deste “golpe” é representada pelos periódicos clonados (*clone* ou *hijacked journals*) (Asim & Sorooshian, 2019; Butler, 2013). Grupos criminosos criam falsas *homepages* clonando os dados de periódicos conhecidos. Deste modo, autores desavisados submetem seus estudos e publicam facilmente sempre após o pagamento de taxas de publicação (Assim & Sorooshian, 2019).

A lista de periódicos predatórios criada por Jeffrey Beall apresenta diversos exemplos que estão abaixo listados.

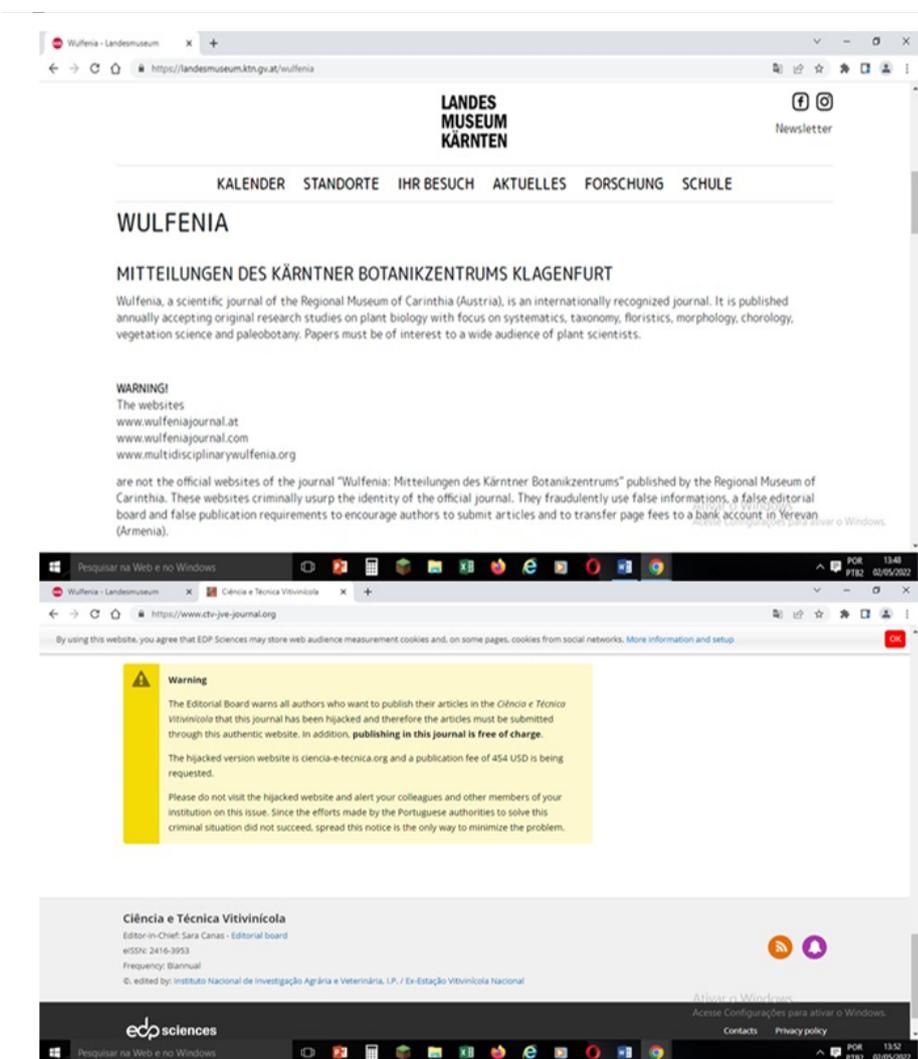
Alguns exemplos de periódicos clonados que foram identificados durante o desenvolvimento de projeto de pesquisa institucional sobre PP compreendem Anais da Academia Nacional de Ciências, *Archives des sciences*,

*Bothalia*, *CEPAL Review*, *Ciência e técnica vitivinícola*, *Education journal*, *Epistemologia*, *Interciência*, *Journal of engineering technology*, *Multitemas*, *La penseé*, *Revista brasileira de medicina esportiva*, *Revista de educación*, *Sylwan*, *Wulfenia*, *International medical journal*, *Agrochimica*, dentre outros (Beall's List, 2021).

Percebe-se da pequena listagem acima apresentada que todas as grandes áreas do conhecimento podem ter periódicos clonados (humanidades, sociais aplicadas, ciências exatas e da terra, ciências biológicas e da saúde, etc.) e já é comum que os portais das revistas legítimas tragam anúncios denunciando esta fraude, como foi o caso das revistas *Wulfenia* e da *Ciência e técnica vitivinícola* (Figura 1).

Evidentemente que a clonagem visa criar uma revista falsa para cobrar taxas. No caso da *Ciência e técnica vitivinícola*, por exemplo, enquanto a verdadeira não cobra tarifas de publicação, o clone exige pagamento de 454 dólares.

FIGURA 1  
Print de pedaço da tela de duas revistas originais denunciando sites clones.



Fontes: <https://landesmuseum.ktn.gv.at/wulfenia> e <https://www.ctv-jve-journal.org/>

Outro caso interessante foi o representado por um dos “estudos” que apoiava o uso da cloroquina. Um dos artigos do grupo liderado pelo francês Didier Raoult, que teve a participação da médica Nise Yamaguchi (Pawar *et al.*, 2020), depoente à Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou irregularidades políticas, jurídicas e de alocação de recursos públicos frente à epidemia de COVID-19 no parlamento brasileiro (CPI da COVID-19), foi uma revisão publicada no periódico clone *International medical journal* que apresenta um falso ISSN, além de falsos editores, cobrando taxa de para publicação de \$195 (o original, listado na Tabela 1 e apresentado na figura 2, é gratuito).

FIGURA 2  
Print da página do verdadeiro IMJ, editado pela JHS e JICEF.



Fonte: <https://www.imj-1994.com//>

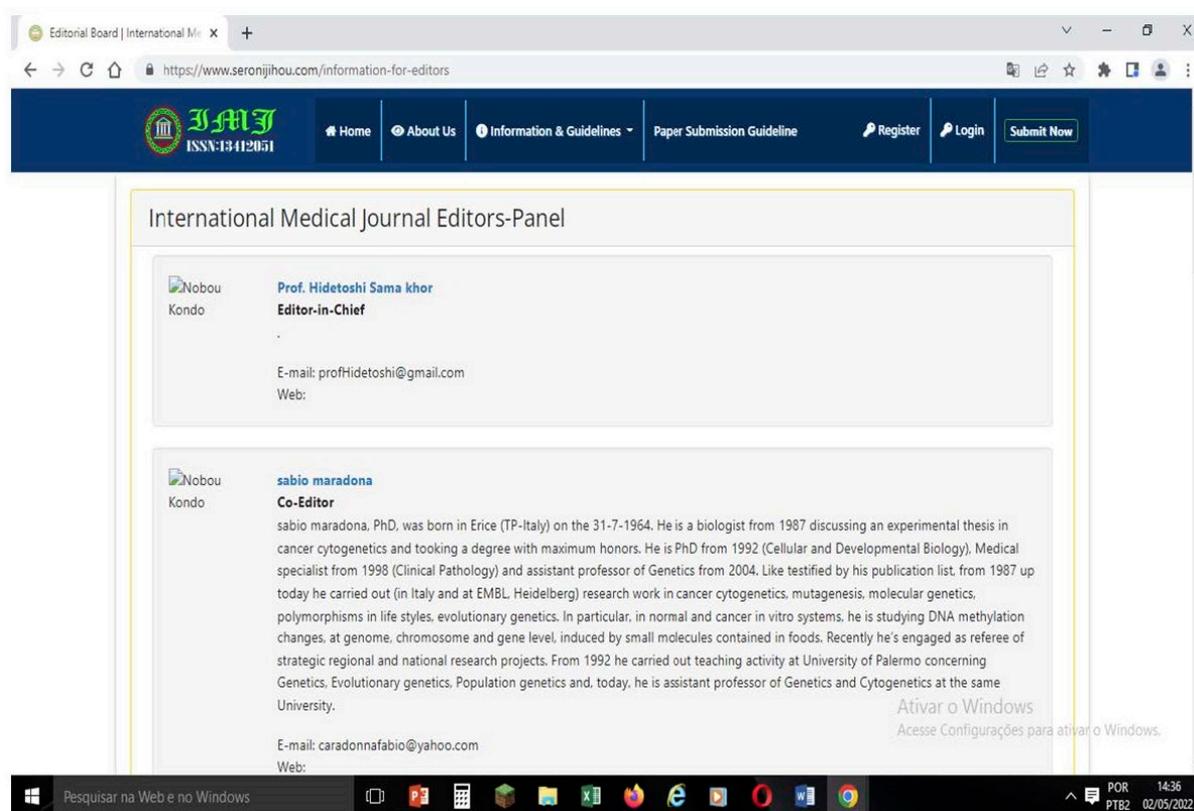
FIGURA 3  
Print de tela do clone do IMJ.



Fonte: <https://www.seronijhou.com/>

Comparando o verdadeiro IMJ com o falso é possível verificar as seguintes diferenças: no verdadeiro, o editor é o Prof. Amarendra N. Singh do Canadá e o editor honorário é Tsutomu Sakuta, Japão. Além disso, no verdadeiro o ISSN das versões impressa e *online* são, respectivamente, 1341-2051 e 2436-3294, enquanto que o clone apresenta ISSN 13412051 (sem traço, o que não corresponde a ISSN verdadeiro) e editor seria um suposto Prof. Hidetoshi Sama khor, uma mistura de nome japonês com dois sobrenomes típicos da Índia. Além disso, o corpo editorial apresenta um dos “editores” com o nome de sabio Maradona...seria uma homenagem a este grande craque do futebol argentino e mundial? (Figura 4).

FIGURA 4  
Print de tela do falso IMJ.



Fonte: <https://www.seronijihou.com/>

Um grande problema é que não apenas jovens pesquisadores são presas fáceis de PP. Um estudo com 37 professores experientes em Ghana (África), mostrou que a maioria deles tem dificuldade em distinguir PP de legítimos, especialmente em relação a indexações e fatores de impactos fraudulentos ou enganosos (Kinde, 2021).

É fundamental ressaltar que mesmo em países ricos como nos Estados Unidos, os PP também têm vitimado professores seniores cuja dificuldade em reconhecer revistas fraudulentas está igualmente presente (Longyhore & Zagar, 2015).

Há diversas listas que publicam as editoras e seus PP. Todavia, diariamente são criados novos PP e, por isso, muitas vezes tais publicações não foram ainda listadas. Assim, autores têm ressaltado a importância das faculdades, universidades e institutos de pesquisa oferecerem treinamento em educação científica que inclua como identificar os PP (Silva, 2021; Wager, 2017).

### 3. SERÁ QUE DIVERSOS PERIÓDICOS DE PRESTÍGIO SE TORNARAM PREDATÓRIOS DEVIDO À GANÂNCIA DAS GRANDES EDITORAS INTERNACIONAIS?

Conforme o discutido por Amaral (2018), muitas publicações de elevado prestígio tornaram-se veículos extremamente caros para que autores e suas instituições de fomento publiquem seus trabalhos científicos.

A este respeito, Burgess-Jackson (2020), formado em direito e filosofia, publicou um artigo desafiando o paradigma dos periódicos tradicionais e discutiu sua carreira como pesquisador e produtor de conhecimento nessas áreas. Segundo aquele autor ele pretende publicar em PP porque as revistas de editoras famosas é que seriam as verdadeiras predadoras. No seu artigo, o pesquisador demonstrou que as revistas tradicionais são muito mais caras que os chamados “predatórios”, cobrando taxas que variam de \$598 a \$3.360, e a demora em revisar os estudos é totalmente frustrante, somado ao fato de que há restrições quanto ao tamanho do artigo, bem como os autores precisam ceder seus direitos autorais e os estudos podem não ter acesso aberto aos leitores. Por fim, Burgess-Jackson (2020) mostrou que algumas das grandes editoras faturaram de 350 milhões até 2,6 bilhões de dólares em 2019.

Na mesma perspectiva do autor anteriormente citado, Amaral (2018), professor e pesquisador do Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, discutiu o processo de publicação de um de seus estudos: em poucas semanas seu estudo foi revisado gratuitamente e publicado na plataforma de pré-prints, o *bioRxiv*, mas quando eles decidiram submeter para uma revista da editora *Elsevier*, com fator de impacto 8,299 em 2016 e conceito A1 no *QUALIS*, o mesmo recebeu revisões em poucas linhas, mas demorou 173 dias para ser aceito e demorou a ser publicado, mas o pré-print dos autores já estava disponível *online*, mediante pagamento de \$35,95. O autor demonstrou que houve pouco trabalho dos revisores (497 palavras no total), mas a equipe do estudo trabalhou durante dois anos para escrever o manuscrito e ainda tiveram que pagar uma taxa de publicação de \$4.420 para uma editora que faturou 3 bilhões de dólares em 2016. O autor conclui serem as grandes editoras comerciais, localizadas especialmente na Europa, legítimas predadoras de autores, instituições e governos mundo afora.

Somente para esclarecer o sistema *QUALIS* é uma classificação brasileira dos periódicos que dá notas aos periódicos sendo os conceitos A os mais elevados, seguindo-se de vários degraus B (B1 a B5, o menor) e aqueles desclassificados recebem a apreciação C.

Ao trazer à tona parte de minha produção, gostaria de enfatizar o que ocorreu com os periódicos em que publiquei anos atrás.

Para isso, foram sistematizadas as características daquelas revistas quando publiquei e como elas são hoje em dia (Tabela 1).

Observando-se a tabela 1 é possível concluir que, de modo geral, as publicações ligadas a associações científicas, universidades ou institutos públicos de pesquisa são gratuitas ou apresentam taxas muito mais baixas quando comparadas às grandes editoras comerciais (*Elsevier, Springer, Taylor & Francis, etc.*).

TABELA 1  
 Dados históricos de alguns periódicos selecionados pelo autor.

Título	Editor	Cobra taxas	Acesso aberto	Conceito <i>QUALIS</i> (2016) e F.I.
Revista de nutrição	PUCCAMP	Não	Sim	Varia de A2 a C FI = 0,624
Revista panamericana de salud pública	OPAS	Não	Sim	Varia de A2 a B5 FI = 1,465
Biologia	De 1946 até 2005 pertencia ao Instituto de Biologia Molecular da Academia Eslovaca de Ciências 2006- publicada pela Springer	Era gratuita e hoje cobra \$2890	Não	Varia de B1 a B5
<i>International medical journal</i>	Mantida pela Fundação Internacional de Intercâmbio Cultural do Japão em Tóquio	Gratuita	Sim	Indexada, mas sem conceito <i>QUALIS</i> .
<i>Czech journal of food sciences</i>	Mantida pela Academia Tcheca de Ciências da Agricultura	Era gratuita, mas hoje cobra taxa de 320 euros	Sim	Varia de B1 a B5 FI = 1,279
<i>Biomedicine &amp;</i>	Era mantida pela	Era gratuita;	Não	Varia de A2 a

<i>pharmacotherapy</i>	Masson e hoje pertence à Elsevier	hoje custa \$2.740		B4 FI = 6,529
Interciência (INCI)	Pertence à Asociación Interciencia (Venezuela)	Cobrava \$100 por página Hoje cobra \$25 para submissão e \$225 por página	Sim	Varia de A1 a C FI = 0,396
<i>Biogerontology</i>	Publicada pela Springer até hoje	Éra gratuita nos primeiros anos e hoje cobra \$4.190	Não tinha. Hoje tem	Varia de A1 a B1 FI = 4,277
<i>Evidence-based integrative medicine</i>	Era da Adis Intern. comprada pela Springer	Era gratuita e passou a paga e foi extinta	Os autores recebiam separatas	

Fonte: elaboração própria.

Neste sentido é importante refletir sobre questões fundamentais: as editoras comerciais se apropriam de graça dos estudos científicos, mas cobram até três vezes para que as pessoas tenham acesso ao seu conteúdo: taxam autores, suas instituições e governos que assinam os periódicos “legítimos”.

Destarte, uma grande proporção de revistas que foram criadas por universidades, instituições de pesquisa e associações científicas, para conseguir mais prestígio e talvez também terem uma gestão mais profissional foram predadas pelas grandes editoras científicas que adquiriram um volume imenso de periódicos pré-existentes, o que nem sempre resultou em melhorias editoriais, mas sabidamente tornou diversos periódicos gratuitos (para autores e leitores) em veículos caríssimos e muitas vezes inacessíveis a pesquisadores e mesmo ao público leitor de ciência.

O preço para publicar e ter acesso aberto a seu artigo geralmente só está disponível para autores de países ricos que tem condições de pagar por assinaturas dos periódicos (Fernandez-Llimos, 2014).

Por causa do que foi acima discutido, alguns autores têm sugeridos outra denominação para PP que poderiam ser mais apropriadamente de publicações fraudulentas, desonestas ou enganosas (Memon, 2019; Mercier, Tardif, Moore, Le Sage & Cameron, 2018).

Embora possa parecer que periódicos pagos apresentam elevados fatores de impacto comparados aos gratuitos, isto nem sempre é verdade. Há inúmeros exemplos de periódicos que custam caro e tem baixos fatores de impacto ou nem apresentam este indicador.

De todo modo, é necessário enfatizar que os periódicos tradicionais sejam eles de grandes editoras ou não, diferem dos PP porque seguem rigorosas práticas editoriais, permitindo publicar conhecimentos que passaram pela avaliação criteriosa dos pares e podem ser discutidos e até retratados posteriormente, caso tenham ocorrido erros ou seja verificado má conduta científica na elaboração do artigo científico (plágio, falsificação ou fabricação de dados).

#### 4. PENSANDO FORA DA CAIXA: VALORIZANDO PERIÓDICOS NÃO COMERCIAIS E OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS)

Criado em 2017, pelos professores Paulo Inácio Prado (Universidade de São Paulo), Roberto André Kraenkel (Universidade Estadual Paulista) e Renato Mendes Coutinho (Universidade Federal do ABC), o Preda *QUALIS* (2017) mostrou a presença de 485 títulos predatórios na lista do *QUALIS*, alguns recebendo notas A1 ou A2.

Desta maneira, é necessário questionar a metodologia do *QUALIS* que se baseia numa falácia, pois sua premissa principal de que se trata de classificação de revistas em que os programas de pós-graduação brasileiros publicam têm deixado de fora ou dado notas baixas a excelentes periódicos, isto é, qualquer lista deveria cobrir todos os periódicos legítimos existentes, apresentar uma nota única e jamais permitir a inclusão de periódicos suspeitos ou predatórios.

Ainda nesta perspectiva, é necessário afirmar que não há qualquer justificativa para o *QUALIS* conter sequer um único PP, uma vez que a qualidade dos artigos publicados desvirtua em todos os sentidos a ciência. Um exemplo de artigo de baixa qualidade, escrito por autor dos Estados Unidos, que não seria publicado em revistas legítimas que realizam revisão por pares, é um estudo de revisão sobre nutracêuticos (suplementos nutricionais) no tratamento do câncer. Tal estudo, publicado em menos de um mês, que também incluiu entre as palavras-chave a homeopatia (que não apresenta comprovação científica), não citou qual foi o período temporal coberto pela revisão, bem como os critérios utilizados para a inclusão ou exclusão de estudos, o que torna implausível qualquer conclusão deste trabalho veiculado num PP (Nwanodi, 2017). É mister ressaltar que tal PP cobra uma taxa de publicação de 519 euros, sendo um negócio desonesto bastante lucrativo.

Neste sentido, uma análise do *QUALIS* revelou que há problemas de transparência sobre os processos de avaliação, a falta de diálogo sobre os resultados desta apreciação, bem como periodicidade muito longa (Ponce *et al.*, 2017).

Quanto à periodicidade do *QUALIS* é necessário compreender que a inteligência artificial pode ajudar para a classificação de periódicos e livros que poderia ser modificada em tempo real, incluindo periódicos que não foram listados, excluindo predatórios e modificando os conceitos de revistas. A pergunta que não quer calar: a quem interessa ter uma periodicidade tão longa e revistas de baixa qualidade ter bons conceitos a despeito de inúmeras revistas de excelência que às vezes sequer foram incluídas no *QUALIS*?

Outros problemas do *QUALIS* são o enorme desconhecimento e preconceito dos avaliadores com periódicos fora do Eixo Europa Ocidental, Estados Unidos / Canadá e outros países anglofônicos, visto as críticas que sofri quando publiquei no *Czech journal of food sciences*, que muitas vezes não foi avaliado por certas áreas, embora tenha recebido B1 em algumas delas.

Diante destes cinco impasses do *QUALIS*, que são a incorporação de periódicos predatórios e também de baixa qualidade com boas notas, a valorização de publicações das grandes editoras comerciais e o desconhecimento e desvalorização de periódicos da Europa Centro-Ocidental, da Ásia, Oceania, Oriente Médio e também da África e América Latina, Ferrari (2019) propõe um choque de descolonização dos pesquisadores e a necessidade tanto de novos tipos de avaliação da produção científica, quanto da democratização do conhecimento e da valorização de periódicos do Sul Global.

Neste sentido, cada vez mais é notória a melhoria de qualidade das publicações latino-americanas que vem se desenvolvendo com políticas de democratização do conhecimento por meio do acesso aberto não comercial, da incorporação de tecnologias e de indicadores que qualidade que perpassam o simplismo tecnicista da medida de citações e apontam a necessidade de produção do conhecimento como bem público e não uma simples mercadoria (Alperin & Fischmann, 2015).

Como afirma Boaventura de Sousa Santos é necessário valorizar as epistemologias do Sul global e criar resistências contra a opressão, o patriarcado e o colonialismo exercidos pelo modelo capitalista do Norte Global, que tem levado as sociedades à exaustão social e econômica (Santos, Araújo & Baumgarten, 2016),

além de estimular o produtivismo que empobrece o trabalho docente e transforma a ciência e o conhecimento humano em meras *commodities* a serviço do capital (Benessia *et al.*, 2016; Trein & Rodrigues, 2011; Vosgerau, Orlando & Meyer, 2017).

Considerando-se também que grande parcela da pesquisa biomédica e clínica, publicada nas revistas científicas mais famosas, com elevados fatores de impacto e prestígio, não pode ser replicada por diversas falhas metodológicas aleatórias ou intencionais, as últimas relacionadas à má conduta científica (plágio, violação da autoria dos estudos, falsificação e fabricação de dados, etc.) (Bustin & Huggett, 2017; Ioannidis, 2015; Ramirez *et al.*, 2017; Sahare & Roberts, 2020), uma ruptura com este paradigma é urgente, pois é necessário refletir sobre para quem e para quem se faz ciência.

Deste modo, a partir do referencial de Santos, Araújo & Baumgarten (2016) é necessário que novas avaliações da qualidade de revistas deem preferência e favoreça periódicos nacionais, Latino-americanos e de outros países, especialmente os gratuitos, mantidos por governos e universidades ou instituições de pesquisa e ensino e que quanto maior a adoção dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS)(PNUD, s/d), maior deveria ser a valoração do periódico associada certamente à indexação em bases de dados importantes segundo a área do conhecimento (Ferrari, 2018).

Ademais, na progressão da carreira docente, qualquer artigo publicado em periódico predatório deveria ser excluído, e periódicos nacionais, latino-americanos e de outras localizações geográficas, desde que atendam a critérios de qualidade (indexações, corpo editorial robusto, fluxo editorial transparente e de qualidade, etc.), precisam ser mais valorizados, pois o conhecimento gerado localmente interessa aos gestores para resolver nossos problemas e não para serem publicados apenas em inglês de modo a nem serem lidos pelos públicos alvo prioritários para realizar as transformações educacionais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas que a América Latina e os demais países em desenvolvimento urgem e exigem.

## CONCLUSÕES

Pelos exemplos apontados neste ensaio foi evidenciado que a produção do conhecimento humano precisa ter acesso amplo e gratuito. Isto significa que autores e instituições de pesquisa não podem ser reféns de editoras predadoras de qualquer natureza cujo objetivo é tratar os artigos científicos como meras mercadorias. Os artigos científicos gerados pelas instituições de pesquisa são patrimônio das nações e precisam, além de resolver problemas específicos dos pesquisadores, ter relevância tanto para o avanço do conhecimento humano quanto para a resolução dos dilemas da sociedade, especialmente no que se refere aos objetivos do desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente e o futuro das próximas gerações.

É necessário que a avaliação da qualidade dos periódicos de cada país incorpore cada vez mais, as inúmeras revistas nacionais, latino-americanas e do Hemisfério Sul, especialmente as gratuitas e de acesso aberto.

Ficou evidenciado que neste cenário das publicações há peixes pequenos, gratuitos e muito valorosos, pequenos predadores e grandes tubarões. Mas, até quando pagaremos para publicar, quando as editoras é que deveriam remunerar autores, universidades e instituições de pesquisa pelo conhecimento por elas gerado e financiado pela sociedade, afinal elas têm predado a pesquisa feita com tanta dedicação, esforço e dificuldades por centenas de pesquisadores, especialmente na América Latina e Caribe.

## REFERÊNCIAS

- Alperin, J. P. & Fischman, G. (org.) (2015). *Hecho en Latinoamérica: acceso abierto, revistas académicas e innovaciones regionales*. Buenos Aires: CLACSO.
- Amaral, O. B. (2018). All publishers are predatory – some are bigger than others. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 90(2), 1643-1647. <https://doi.org/10.1590/0001-3765201820170959>

- Asim, Z. & Sorooshian, S. (2019). Clone journals: a threat to medical research. *São Paulo medical journal*, 137(6), 550-551. <https://doi.org/10.1590/1516-3180.2018.0370160919>
- Beall, J. (2012). Predatory publishers are corrupting open access. *Nature*, 489, 179. <https://doi.org/10.1038/489179a>
- Bealls List. (2021). Beall's list of predatory and hijacked journals, 2021. Recuperado de <https://beallslist.net/hijacked-journals/>
- Begun, S. & Abdulla, R. (2021). Predatory science: Unraveling a secret journey of fake journals and conferences. *Journal of oral maxillofacial pathology*, 25(1), 193-194. Recuperado de <https://www.jomfp.in/text.asp?2021/25/1/193/316052>
- Benessia, A., et al. (2016). *The rightful place of science: science on the verge*. Tempe, AZ: Consortium for Science, Policy & Outcomes. Recuperado de <http://www.andreasaltelli.eu/file/repository/Content.pdf>
- Burgess-Jackson, K. (2020). Why I publish in predatory journals – and why you should too. *Philosophy international journal*, 3(4), 1-11.
- Bustin, S. A. & Hugggett, J. F. (2017). Reproducibility of biomedical research- The importance of editorial vigilance. *Biomolecular Detection and Quantification*, 11, 1-3. <https://doi.org/10.1016/j.bdq.2017.01.002>
- Butler, D. (2013). Sham journals scam authors. *Nature*, 495, 421–422. <https://doi.org/10.1038/495421a>
- Chambers, A. H. (2019). How I became easy prey. *Science*, 364(6440), 602. <https://www.science.org/doi/10.1126/science.364.6440.602>
- Eriksson, S. & Helgesson, G. (2017). The false academy: predatory publishing in science and bioethics. *Medicine & Health Care and Philosophy*, 20(2), 163-170. <https://doi.org/10.1007/s11019-016-9740-3>
- Fernandez-Llimos, F. (2014). Open access, predatory publishing and peer-review. *Pharmacy practice*, 12(1). Recuperado de [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1885-642X2014000100001&lng=es&nrm=iso](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1885-642X2014000100001&lng=es&nrm=iso)
- Ferrari, C. K. B. & Torres, A. F. S. (1998a). Contaminación de los alimentos por virus: un problema de salud pública poco comprendido. *Revista panamericana de salud pública*, 3(6), 359-366. <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v3n6/3n6a1.pdf>
- Ferrari, C. K. B. (1998b). Oxidação lipídica em alimentos e sistemas biológicos: mecanismos gerais e implicações nutricionais e patológicas. *Revista de nutrição*, 11(1), 3-14.
- Ferrari, C. K. B. (2000). Free radicals, lipid peroxidation, and antioxidants in apoptosis: implications in cancer, cardiovascular and neurological diseases. *Biologia*, Bratislava, 55(6), 581-590.
- Ferrari, C. K. B. (2001). Oxidative stress pathophysiology: searching for an effective antioxidant protection. *International medical journal*, 8(3), 175-184.
- Ferrari, C. K. B. & Torres, E. A. F. S. (2002a). Lipid oxidation and quality parameters of sausages marketed locally in the Town of São Paulo (Brazil). *Czech journal of food sciences*, 20(4), 144-150. <https://doi.org/10.17221/3525-CJFS>
- Ferrari, C. K. B. & Torres, E. A. F. S. (2002b). Perspectivas da pesquisa em biologia molecular aplicada à nutrição. *Interciência*, 27(11), 592-598. Recuperado de [http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0378-18442002001100003&lng=es&nrm=iso](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442002001100003&lng=es&nrm=iso)
- Ferrari, C. K. B. & Torres, E. A. F. S. (2003). Biochemical pharmacology of functional foods and prevention of chronic diseases of aging. *Biomedicine & pharmacotherapy*, 57(5-6), 251-260. [https://doi.org/10.1016/S0753-3322\(03\)00032-5](https://doi.org/10.1016/S0753-3322(03)00032-5)
- Ferrari, C. K. B. (2004). Functional foods, herbs and nutraceuticals: towards biochemical mechanisms of healthy aging. *Biogerontology*, 5(5), 275-289. <https://doi.org/10.1007/s10522-004-2566-z>
- Ferrari, C. K. B. (2005). Minerals. From basic aspects to newly discovered physiological and nutritional aspects. *Evidence-based integrative medicine*, 2(3), 123-131. <https://doi.org/10.2165/01197065-200502030-00003>
- Ferrari, C. K. B. (2018). Um guia para publicar artigos em ciências da saúde. *Revista Plêiade*, 12(26), 5-13. Recuperado de <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/484>

- Ferrari, C. K. B. (2019). Construção do conhecimento e descolonização: qual é o verdadeiro papel dos professores e pesquisadores brasileiros? *Revista Plêiade*, 13(28), 5-12. Recuperado de <https://pleiade.uniameica.br/index.php/pleiade/article/view/541>
- Forero, D. A., et al. (2018). Negative effects of "predatory" journals on global health research. *Annals of global health*, 84(4), 584-589. <https://doi.org/10.29024/aogh.2389>
- Fox, R. (2021). Predatory journals. *Journal of the Royal College of Physicians of Edinburgh*, 51(1), 106-110. <https://doi.org/10.4997/JRCPE.2021.126>
- Gallent Torres, C. (2022). Editorial misconduct: the case of online predatory journals. *Heliyon*, 8(3), e08999. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2022.e08999>
- Garcia, M. S. S. & Czeszak, W. (2019). *Curadoria educacional. Práticas pedagógicas para tratar (o excesso de) informação e fake news em sala de aula*. São Paulo: Ed. Senac.
- Grudniewicz, A., et al. (2019). Predatory journals: no definition, no defense. *Nature*, 576(7786), 210-212. <https://doi.org/10.1038/d41586-019-03759-y>
- Ioannidis, J. P. A. (2015). Failure to replicate: sound the alarm. *Cerebrum*, 2015, 1-12. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4938249/pdf/cer-12-15.pdf>
- Kinde, A. A. (2021). Avoiding predatory journals and publishers: a cross-sectional study. *European science editing*, 47, e52348. <https://doi.org/10.3897/ese.2021.e52348>
- Longyhore, D. & Zagar, B. (2015). The predator and prey of publishing research. *American journal of pharmaceutical education*, 79(8), 128.
- Marin, A., Petralia, S. & Stubin, L. (2015). Evaluación del impacto de las iniciativas de acceso abierto en el ámbito académico y otros. Em: J. P. Alperin & G. Fischman (org.). *Hecho en latinoamérica: Acceso abierto, revistas académicas e innovaciones regionales* (pp. 77-105). Buenos Aires: Clacso.
- Memon, A. R. (2019). Revisiting the term predatory open access publishing. *Journal of the Korean medical science*, 34(13), e99. <https://doi.org/10.3346/jkms.2019.34.e99>
- Mercier, E., Tardif, P. A., Moore, L., Le Sage, N. & Cameron, P. A. (2018) Invitations received from potential predatory publishers and fraudulent conferences: a 12-month early-career researcher experience. *Postgraduate medical journal*, 94(1108), 104-108. <https://doi.org/10.1136/postgradmedj-2017-135097>
- Nieminen, P. & Uribe, S. E. (2021). The quality of statistical reporting and data presentation in predatory dental journals was lower than in non-predatory journals. *Entropy*, 23(4), 104-108. <https://doi.org/10.3390/e23040468>
- Nwanodi, O. B. (2017). Nutraceuticals: curative integrative cancer treatment. *Alternative and integrative medicine*, 6(2), 240.
- Owens, J. K. & Nicoll, L. H. (2019). Plagiarism in Predatory Publications: a Comparative Study of Three Nursing Journals. *Journal of nursing scholarship*, 51(3), 356-363. <https://doi.org/10.1111/jnu.12475>
- Pawar, D., et al. (2020). Recovery trial and hydroxychloroquine. *International medical journal*, 25(9), 3237-3244.
- Pellizzon, R. F., Población, D. A. & Goldenberg, S. (2003). Pesquisa na área da saúde: seleção das principais fontes para acesso à literatura científica. *Acta cirurgica brasileira*, 18, 493-496. <https://doi.org/10.1590/S0102-86502003000600002>
- PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (s.f.) *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. PNUD/Brasil, Brasília: s/d. Recuperado de <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals.html>
- Ponce, B. J. et al. (2017). Sobre a melhoria da produção e da avaliação de periódicos científicos no Brasil. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, 25(97), 1032-1044. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002501032>
- Prado, P. I., Kraenkel, R. A. & Coutinho, R.M. (2017). *Preda QUALIS*. Recuperado de <https://predaqualis.netlify.app/>

- Ramírez, F. D. *et al.* (2017). Methodological rigor in preclinical cardiovascular studies. Targets to enhance reproducibility and promote research translation. *Circulation research*, 120(12), 1916-1926.
- Sahare, M. & Roberts, L. L. (2020). Historicizing the crisis of scientific misconduct in Indian Science. *History of Science*, 58(4), 485-506.
- Santos, B. de S., Araújo, S. & Baumgarten, M. (2016). As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, 18(43), 14-23. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004301>
- Sharma, S. A. & Deschaine, M. E. (2016). Digital curation: A framework to enhance adolescent and adult literacy initiatives. *Journal of adolescent & adult literacy*, 60(1), 71-78. <https://doi.org/10.1002/jaal.523>
- Silva, J. A. T. (2021). What is a legitimate, low-quality or predatory surgery journal? *Indian journal of surgery*, 84(1), 1-2. <https://doi.org/10.1007/s12262-020-02656-3>
- Sorokowski, P., Kulczycki, E., Sorokowska, A. & Pisanski, K. (2017). Predatory journals recruit fake editor. *Nature*, 543, 481-483.
- Trein, E. & Rodrigues, J. (2011). O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. *Revista brasileira de educação*, 16(48), 769-819.
- Vervoort, D., Ma, X. & Shrim, M. G. (2020). Money down the drain: predatory publishing in the COVID-19 era. *Canadian journal of public health*, 111(5), 665-666. <https://doi.org/10.17269/s41997-020-00411-5>
- Vosgerau, D. S. A. R., Orlando, E. A. & Meyer, P. (2017). Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. *Educação & sociedade*, 38(138), 231-247. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016163514>
- Wager, E. (2017). Why we should worry less about predatory publishers and more about the quality of research and training at our academic institutions. *Journal of epidemiology*, 27(3), 87-88.